

APROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAPEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALEN

A VERDADE Como nasce

UM POVO

Por Amaral Frazão

O que é a verdade? Eis uma pergunta simultaneamente fácil e difícil de responder, sobretudo se não tivermos em conta as intenções do inquiridor.

Pode ser a tese em que se sustenta a presença de factos insofismáveis; pode ser também expressão erudita a esclarecer espíritos em dúvida ou ignorantes; pode ser ainda o ponto de partida para novos ensaios, devassando elementos estranhos, confusos, à espera de serem revelados. Pode ser tudo isso e pode também ser algo diferente.

A verdade, porém, aquela que desejamos salientar, teve a sua expressão mais alta no dia em que um Homem foi condenado por saber falar ao coração dos outros homens, por lhes ter ensinado a única mensagem que, embora não escrita, ficou marcada com o sangue dum Justo, dum Inocente!

Quando Pôncio Pilatos, Procurador da Judeia, no célebre e ignominioso julgamento de Jesus Cristo, Lhe perguntou o que era a verdade, estava longe de supor que a resposta à sua pergunta estava ali presente, a dois passos, frente a frente, tão clara, tão luminosa e tão serena que só o ódio, a calúnia e a traição poderiam confundir ou deixar de reparar.

A verdade dum vida inteiramente votada ao bem da humanidade estava ali presente, com efeito, à espera dum decisão que iria ficar

para a posteridade como a mais abjecta e a mais insidiosa de todas as sentenças. Não era o Homem invulgar, extraordinário, Senhor dum fé inabalável e imaculada que

Por
ÁLVARO PEREIRA

tinha o dever de elucidar ou revelar tal verdade, porque essa espalhou-a Ele no decurso da Sua Existência por outras vias que não as sujeitas à violência e à ameaça; mas sim o juiz que conhecia o Seu processo, a Sua acusação, e devia sentir que Naquele Corpo desprezado, açoitado, vilipendiado, mil vezes ofendido, residia, na serena resignação do Seu martírio, toda a verdade da vida, a tal verdade consubstanciada no imortal Sermão da Montanha e que O levaria, por isso mesmo, suprema ingratidão dos homens!, a suportar o mais abjecto e doloroso calvário.

No meio daquela turba sedenta de ódio e de vingança, desvairada pela ganância e pela inveja, apenas houve uma mulher, Cláudia Procula, esposa do Procurador, que teve o pressentimento de que Naquele Homem maltratado, traído, difamado pelas mais vis acusações, estava algo de diferente dos outros homens, algo de extraordinário que, mesmo sob o jugo dos opróbrs, dos vexames e das pancadas, continuava

sereno, humilde, a mostrar mais piedade para com os carrascos do que compaixão por Si próprio.

O Seu olhar, o último olhar de Jesus lançado àquela gente despravada e má, tinha ainda o mesmo fulgor, o mesmo brilho, a mesma chama de amor que Ele oferecia aos Seus discípulos. Tal olhar não podia trair, tal olhar era o símbolo da verdade que os homens não queriam ver, não queriam acreditar. Apenas aquela mulher sentia nesse olhar o clarão que um dia, mais tarde, havia de iluminar o mundo da fé para sempre. E para ele rogou a desejada clemência.

Tal súplica não foi atendida, é certo; mas ela ficou como luz a brilhar no pélogo da devassidão. Cláudia Procula foi a única que não quis mergulhar o corpo na lama espalhada à sua roda. Pouco mais se conhece da sua vida, mas este pouco, pelo que fez a favor do pobre Condenado, bastou para a tornar digna e bendita entre as mulheres.

Ainda hoje, embora os homens tenham mais consciência da injustiça que vitimou Jesus Cristo, os Judas, os Caifás, os Anás e os Pôncios

(Continua na página 4)

Como nasce

Aqui há anos vi um filme que se exhibia em qualquer cinema.

Intitulava-se «Como nasce um povo» e lembro-me dele como se fosse hoje, que já não frequento cinemas.

Era admirável de realização, mas principalmente impressionante sob aspecto patriótico. Era um filme que veio no momento próprio, como instrumento evocativo de uma grande democracia.

Através das suas cenas mais emocionantes, sente-se palpitar um grande povo que quer viver, que se fez à sua custa em pouco mais de um século.

«Como Nasce um Povo!» é a história heróica e documentada da intensa luta da liberdade contra a agressão. Dessa luta, simples episódio entre tantos de que resultou o engrandecimento da pátria de Roosevelt, a liberdade sai vitoriosa da tirania. O povo indígena, os colonos do Texas, oprimidos por um sistema que lhes sugava todas as energias, sacudiu o jugo e proclamou a sua eman-

cipação moral e jurídica.

Foi formidável a acção desenvolvida por aqueles lutadores homéricos. Demoliram uma escravatura, mas fundaram uma civilização e engrandeceram a Nação que tem sabido manter princípios da liberdade e da tolerância,

Foi sob este aspecto que eu vi «Como Nasceu um Povo!». Recordo-me bem.

Soberbo de técnica, sem dúvida, perfeito na interpretação e na imagem, mas acima de tudo obra social em que a pessoa humana e os direitos de um povo que sabe elevar-se, estão acima de todos os preconceitos políticos.

Dos preconceitos de raça é que esse mesmo povo não sabe ou não quer libertar-se.

Veja:

Página 5

«O Meu Diário»

Exclusivo para «A Província»

Dois poemas de amor

I
Amar — é compor poemas
Em que a Mulher é a rima
E o Homem o verso apenas
Que os finaliza e assina!

II
Longe...
A separar o nosso amor
Apenas a distância,
— Misero obstáculo sem importância,
A que não damos valor —,
Mas que é, talvez, o sustentáculo
Do nosso amor...

Mesão Frio

PINTO da COSTA

Passando da vila, estrada arriba, em direcção à Boca do Inferno, ladeamos a fortaleza, que nos fica à esquerda, e belos palacetes de linhas modernas, que nos ficam à direita.

Começam, então, a desenrolar-se as paisagens da costa marítima, dum encanto excepcional.

Cada recanto, um pormenor que surpreende; cada recorte, um quadro suspenso que deslumbra!

Olhando atrás, a casaria a desenhar-se em sólidos geométricos, fantásticos, desiguais, em grupos fascinantes.

Em baixo, as ondas que vêm rolar nas areias, espadantantes, em orleões para adormecer.

Os aspectos que se espraia por toda a costa além, são maravilhosos!

Portugal Pitoresco CASCAIS



Aspecto da costa e da vila

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fousto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

MÉDICO VETERINÁRIO

R. Luís de Camões - MONTIJO
Telefone 026 502

Dr. Isobel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Moraes Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48619

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Armonda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal, o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que se fala do
desporto e a favor do desporto.
Brevemente no ar o programa
TOUROS, TOUREIROS, E
TOURADAS — um programa
em que se diz a verdade sobre
Festa Brava. Para a sua publi-
cidade consulte

Organizações Progresso

Trav. da Bica aos Anjos, 27-1.º
Telef. 731315 LISBOA

MONTIJO

Pelo Orfanato

A Direcção do Orfanato
Dr. César Fernandes Ven-
tura vem apresentar pública-
mente os seus agradecimen-
tos a todas as pessoas que
contribuíram para a Campa-
nha de Aquisição de Agasal-
hos para o Inverno de
1956/1957.

Segue a nota dos bene-
méritos e seus donativos:

Campanha Aquisição Agasalhos Inverno 1956-1957

**Orfanato Dr. César Fernan-
des Ventura**

D. Adelaide Cunha, 20\$00;
Adelino A. Veríssimo, 50\$00;
Adelino M. Jerónimo, 100\$00;
Adriano Leão Leiria, 20\$00;
Alberto B. da Cruz, 20\$00;
Álvaro Tavar. Mora, 20\$00;
D. Amélia F. Gomes, 20\$00;
Américo Vie. Alves, 95\$00;

António Duarte, 7\$50; Antó-
nio Feliciano, 10\$00; Dr. An-
tónio Ferreira da Trindade,
100\$00; António Filipe Ba-
rata, 500\$00; António Fir-
mino dos Santos L., 20\$00;
António G. Álvaro J., 50\$00;
António João Serra, 20\$00;
António J. Gregó. J., 50\$00;
António Joaquim M., 20\$00;
António M. da Silva, 20\$00;
António Nep. Cruz S., 20\$00;
António de O. Sanc., 100\$00;
António Pilar Dimas, 20\$00;
António Ramos Dias, 20\$00;
António R. Rasteiro, 50\$00;
António Rodrigues Tavares
Junior, 50\$00; António Sal-
gado, 20\$00; Comandante
António dos Santos Fernan-
des, 1.000\$00; António
Silva, 100\$00; e Eng.º Antó-
nio Ventura Santos, 100\$00.

(Continua)

A «curva da morte» em Montijo

De vez em quando lemos
nos jornais a existência da
«curva da morte», aqui e
ali.

Essas «curvas da morte»,
aqui e ali, são a origem de
inúmeros desastres, muitos
deles fatais.

Mal sabemos nós que
também teríamos de assi-
nalar, em «nossa casa», uma
dessas verdadeiras ratoei-
ras.

Quem desce da Caneira
para o Senhor dos Aflitos,
encontra no fim da ladeira
essa curva fatídica.

São, igualmente, numero-
sos os desastres que nesse
local se têm dado, e alguns
de lamentáveis consequên-
cias.

Ainda a semana passada,
como noutro lugar noticiá-
mos, se deu um desses de-
sastres graves, que causou
ferimentos e a morte duma
pobre mulher.

Não haveria forma de
evitar esses funestos acon-
tecimentos, ou, pelo menos
de os reduzir ao mínimo?

Creemos que sim.

Uma sinalização conve-
niente, com marcos protec-
tores, não seria de acon-

selhar nessa «curva da
morte»?

Bem sabemos que a la-
deira referida provoca ve-
locidades grandes; mas, com
os cuidados de quem guia
e com a devida sinalização,
estamos convencidos de que
o número de desastres se
reduziria em muito.

De resto, pouco ou nada
custava e logo se viam os
resultados.

Uma «curva da morte»
em Montijo?

A quem de direito, pedi-
mos que tal não continue!

Basta o que já tem acon-
tecido!

A PROPÓSITO...

Do jornal «O Castanhei-
rense», n.º 804 de 20 do cor-
rente, recortamos a seguinte
local mesmo «a propósito»...

* * *

**Um pedido
aos organismos locais**

Algumas vezes acontece
que nesta vila, ou em outras
povoações do concelho, se

Festas Populares de S. Pedro

A incansável Comissão
das nossas Festas, que tanto
prestígio têm trazido a Mon-
tijo, prossegue nos seus
trabalhos e resoluções.

Assim, podemos desde já
anunciar aos leitores de «A
Província» que as festas de
1957 durarão seis dias, que
serão abrilhantadas por de-
zoito Bandas de Música, e
que se exhibirão os ranchos
folclóricos «Tamar», da Na-
zaré, do «Alte» (Algarve), e
ainda um outro dos arredores.

Tudo isto conjugado com
as ornamentações e ilumina-
ções de Constantino Lira
(herdeiros) e os fogos de ar-
tificio da casa Fernandes,
já pode oferecer uma ideia,
embora pálida, do que a in-
fatigável Comissão das Fes-
tas Populares de S. Pedro
nos prepara.

Há também a justificada
esperança de que a Praça
de Toiros estará pronta a
funcionar, e então teremos
corridas formais e festivais
taurinos para complemento
do formidável programa.

«A Província» regista
estes factos e regozija-se
com as probabilidades, bem
à vista, das nossas festas
continuarem o ciclo enca-
tado e os êxitos alcançados
nos anos anteriores.

Um bravo à insubstituível
Comissão!

Dr. Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E
DENTES

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e
Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rua Ivens, 26-1.º

Telef. 25626 = LISBOA

PRAÇA DE TOIROS

de Montijo

EM

MARCHA

Construído o grande barra-
cão para a recolha de mate-
riais e ferramentas, a Comis-
são prossegue no seu caminho
e nos seus esforços para a
realidade:

— As Festas Populares de
S. Pedro incluirão no seu pro-
grama deste ano as toiradas
e os festivais taurinos.

No passado Domingo, 27,
realizou-se o 1.º Combóio de
Materiais. Foi uma demonstra-
ção, clara e real, dos desejos
que animam toda a população
e os inúmeros aficionados.

Eis alguns pormenores:

— Contribuintes:

Srs. José Salgado de Oliveira,
6.000 tijolos; Joaquim da Fon-
seca Júnior, 5.000 tijolos; J. T.
da Silva & Rodrigues (Casa
Taruca), 20 sacos de cimento;
Sequeira & Santos, Lda., 20;
Branco & Irmãos, 100; Somol-
col-Soc. Construções, 20; Um
grupo de matadores chefiado
por Manuel Lopes, 10; Nelson
Tavares Amaral, 5; João Cândido
Belo & C.ª, 7 metros
cúbicos de areia; Mário Gaud-
êncio, 5 de pedra; Emídio
Augusto Tobias, 1,5 de pedra.

Todos estes contribuintes,
utilizaram os seus transpor-
tes.

— Veículos que também to-
maram parte e colaboraram
no desfile:

Srs. Manuel da Silva Júnior,
1 camião; Silvano Saraiva, 1
camião; José da Silva Leite, 1
forgoneta; José Júlio da Veiga
Marques, 1 forgoneta; Joaquim
Mendes Capela, 1 scooter.

— Aparelhagem sonora do
Grupo Musical OS LEAIS, do
Afonsoeiro.

— O serviço de Policiamento
e Trânsito foi impecável e
merece os maiores elogios
para os Ex.ªs Comandantes
dos Postos da Polícia de Trâ-
nsito, Segurança Pública e
Guarda Nacional Republicana,
respectivos guardas e praças
que foram destacados.

A multidão compacta acom-
panhou sempre o «combóio»,
dando-lhe brilhantismo e de-
monstrando, mais uma vez, a
sua vontade inquebrantável;
a construção da nossa Praça
de Toiros!

Praticante / a

Precisa-se. Resposta ao
apartado N.º 4 - Montijo.



TELEVISÃO

Agente:

A. J. Ventura & Filho, l.ª

R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO

SANFER, L.ª DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao
ciclone - FERROS para construções, ARAMES,
ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimen-
tos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Ca-
minho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Este número de «A Pro-
víncia» foi visado pela
CENSURA

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

JANEIRO

— No dia 28, o sr. António Paulo Saraiva nosso prezado assinante.
— No dia 29, o sr. Carlos dos Santos, nosso estimado assinante.
— No dia 31, o sr. Helder Almeida Esdras Martins, nosso dedicado assinante.
— No dia 31, a gentil menina Ana Maria Beja Ramalho, filha do nosso dedicado assinante, sr. António Manuel Ramalho.

FEVEREIRO

— No dia 2, o menino Joaquim Gabriel Rosado Gouveia Marques, filho do nosso estimado assinante sr. Joaquim de Jesus Marques, e da sr.ª D. Maria Gabriela Rosado Gouveia Marques.
— No dia 2, o sr. António Alberto Maia Pinho, irmão do nosso estimado assinante sr. José Emídio Maia Pinho.
— No dia 3, a menina Maria Gabriela da Silva Martins, e António José da Silva Martins, filhos do nosso estimado assinante sr. José Martins.
— No dia 7, a menina Maria Eugénia Garroa Soares, filha do nosso prezado assinante sr. Nicolau Madeira Soares.
— No dia 9, a menina Rosalina Maria Farinha, filha do nosso dedicado assinante sr. Flaminio Joaquim Farinha.

Concurso Hora Feliz

No dia 24 do corrente, o relógio do Concurso da Relojoaria e Ourivesaria Contramestre, na Praça 1.º de Maio, em Montijo, parou nas:

17 horas e 7 minutos

E foi contemplada a sr.ª D. Maria de Jesus Silva, Afonsoeiro — Montijo, que tinha a hora exacta.

Ilabilite-se, e verá que na próxima semana poderá ler aqui nesta coluna do Jornal o seu nome, com o prémio do CONCURSO HORA FELIZ!

CASA do Ribatejo

Foram eleitos para o Conselho Regional da Casa do Ribatejo, representando a nossa terra, os srs. engenheiro António dos Santos Fernandes e capitão Francisco Marques Repas.

Não podia, na verdade, estar melhor representado Montijo, visto tratar-se de dois conterrâneos ilustres que muito podem concorrer para beneficiar a nossa região. Cumprimos-lhes e fazemos votos sinceros pelas suas felicidades no exercício desses cargos.

ASSALTO

No dia 23 do corrente, pelas 23,30, foi surpreendido num armazém no beco João de Deus, onde o comerciante Luis de Sousa guardava batata de semente, para o seu comércio, Filipe Jesus de Almeida, natural de Montijo, trabalhando ali já há alguns dias. Segundo se apurou até à presente data, 6 sacos de batata, 4 sacos foram vendidos ao comerciante, Manuel Luis Barbosa António, com estabelecimento de batatas, adubos e cereais, e os outros 2 encontravam-se a guardar na Pensão Rocha, com destino ao mesmo comprador. Atenção, srs. comerciantes, com os negócios nestas condições. O Felipe foi já enviado a Juízo.

MONTIJO

A primeira terra portuguesa que ISABEL II pisa, será Montijo

Na próxima visita que a rainha Isabel II de Inglaterra realiza ao nosso país, em 16 do próximo Fevereiro, a sua chegada será na Base Aérea N.º 6 — Montijo.

Essa chegada dar-se-á das 16 para as 16 horas e 30 minutos.

Dai se dirige depois para Setúbal, onde embarcará no iate real «Britânia», com seu marido, o Duque de Edimburgo.

Na viagem da Base Aérea para Setúbal, a rainha conservar-se-á incógnita, iniciando a sua visita oficial no dia 18, pelas 11 horas, hora em que desembarcará no Cais das Colunas, em Lisboa, com seu marido.

Depois dos cumprimentos e da continência da força militar concentrada no Terreiro do Paço, haverá o desfile dessa força em frente à tribuna especial, após o qual seguirá o cortejo para Queluz.

A primeira terra portuguesa que

Aurora boreal

Pouco depois das 22 horas do dia 21 do corrente, presenciou-se nesta vila esse curioso fenómeno.

Desta vez a aurora boreal foi intensa, dum vermelho acentuado e forte, despertando a atenção e os comentários de quantos a presenciaram.

Afinal, o fenómeno foi também presenciado em muitas outras localidades e até noutros países da Europa.

Uma aurora boreal como outras...

LUTUOSA

Faleceu no passado dia 25 o sr. António Leonardo da Silva, de 44 anos, casado, empregado no comércio, e grande amador teatral.

Deixa viúva a sr.ª D. Ludjara Fernandes da Silva, e era pai da menina Maria Manuela Fernandes da Silva, e do sr. António Manuel Fernandes da Silva. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Montijo, com grande acompanhamento.

A família enlutada «A Província» apresenta as suas mais sentidas condolências.

No dia 26 do corrente faleceu a sr.ª D. Gertrudes da Conceição Manhoso «Polaca», de 79 anos, casada, doméstica.

Deixa viúvo o sr. João Tavares Pialgata, e era mãe da sr.ª D. Balbina Isaura Pialgata, nossa dedicada assinante.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

«A Província» apresenta os seus sentidos pésames a toda a família enlutada, e em especial à nossa assinante.

No dia 23 do mês corrente faleceu o sr. Henrique Quaresma, de 64 anos, casado, natural de Montijo. O funeral realizou-se no dia seguinte.

Deixa viúva a sr.ª D. Ermelinda da Conceição, e era pai da menina Leonor Maria Quaresma.

A família enlutada «A Província» apresenta igualmente os seus sentidos pésames.

Isabel II pisa, é Montijo, como está assente.

Será natural, portanto, que, além das espontâneas aclamações populares, próprias deste hospitaleiro rincão, mais alguma coisa se faça para comemorar este notável acontecimento.

Até agora, porém, nada chegou ao nosso conhecimento neste sentido.

DESASTRE DE VIAÇÃO

No passado dia 23 do mês corrente, pelas 17,30, deu-se outro lamentável desastre na curva junto à Quinta do Saldanha, na estrada que vai para Samouco.

O automóvel particular, pertencente ao segundo Tenente de Marinha sr. José Malheiro Igreja Borges Ervedoso, de 26 anos, casado, e residente em Sintra, quando descrevia a curva acima citada, com excesso de velocidade derrapou, e apanhando Maria do Rosário da Silva, natural de Carregal do Sal, viúva, doméstica, projectou-a a distância, originando-lhe quase a morte imediata. Conduzida ao hospital subregional de Montijo, ainda lhe prestaram os primeiros socorros, sendo imediatamente transportada na ambulância dos B. V. de Montijo ao Banco do do hospital de S. José, onde faleceu. José António dos Anjos Ramos, de 18 anos, casado, natural de Montijo, que passava no momento, apercebeu-se do desastre e conseguiu salvar-se, ficando, apesar de tudo, com ferimentos na perna direita.

O passageiro do veículo, sr. Armando José Martins da Costa Brito e Sá, de 26 anos, casado, oficial da Aeronáutica e residente na estrada de Benfica, ficou muito contuso pelo corpo e ferido numa orelha; o motorista ficou com várias escoriações.

A Polícia de Viação e Trânsito tomou conta da ocorrência.

Récita no Afonsoeiro

— Na Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense realiza-se, no próximo dia 2 de Fevereiro, uma grandiosa récita em que actuará o Grupo Cénico dessa colectividade.

O espectáculo constará dum drama, dum comédia, e dum acto de variedades.

O Grupo Cénico, ensaiado pelo nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Póvoas, compõe-se dos amadores Henrique Dias, José Marques, José Bento, Armando Raposo, Custódio da Silva, António Serafim, António Dias, Miguel Azevedo, Natália Lopes, Idalina Ferreira e Otilia de Jesus, os quais, em conjunto com seu ensaiador, se propõem proporcionar aos sócios, suas famílias, e convidados, uma noite inolvidável.

A récita será abrilhantada por um conjunto musical de reconhecida reputação.

Reina, por isso, o maior entusiasmo entre toda a população do ridente bairro montijense.

— No dia 3, haverá também um esplendente baile, pelas 21 horas, abrilhantado pela Orquestra de Rio Frio.

E assim, a progressiva Sociedade vai seguindo na sua carreira de constantes êxitos.

Homenagem

à memória do Rev. Padre António Gomes Pólvora

Como dissemos e anunciamos, no dia 27 do corrente passou o 1.º aniversário do falecimento do Rev.º Padre Pólvora. As comemorações efectuaram-se assim:

Eram 16 horas do dia acima indicado quando as representações de todos os organismos convidados se encontravam junto à capela do cemitério, acompanhados de numerosa assistência.

E, formado o cortejo, todo o conjunto se dirigiu em romagem de saudade à campa do bom Padre Pólvora.

Procedeu-se à absolvição solene, por sua alma, e inaugurou-se um modesto mausoléu, adquirido por subscrição de vários amigos.

Em seguida usou da palavra o Reverendo franciscano, Frei Diogo Crespo, que enalteceu as qualidades do extinto, num formosíssimo discurso.

A este acto dignaram-se assistir as entidades oficiais de Montijo e Sesimbra, Imprensa, e todas as colectividades representativas da nossa terra. Montijo soube, pois, honrar o seu nome, prestando todo o concurso às homenagens efectuadas.

Dia 28, segunda-feira, pelas 11 horas, houve Missa cantada de Réquiem e absolvição, fazendo-se notar neste acto muitos amigos e admiradores do virtuoso sacerdote.

Também a classe piscatória quis manifestar a sua multa gratidão à memória do Padre Pólvora, descerando na sede, com a maior singeleza e modéstia, uma fotografia que ali ficará atestando aos vindouros a muita saudade e o muito reconhecimento de todos os componentes dessa simpática e laboriosa classe.

«A Província» esteve presente em todos os actos.

Governador Civil do nosso Distrito

No dia 2 de Fevereiro próximo, passa o 2.º aniversário da posse do sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos nas funções de Governador Civil do Distrito de Setúbal.

S. Ex.ª que, no exercício do seu espinhoso cargo, tem sabido conquistar as simpatias gerais, bem merece de todo o Distrito a consagração das suas altas qualidades.

«A Província» cumprimenta, por estes factos, o ilustre Magistrado e dirige-lhe as mais sinceras felicitações.

Objectos em poder da Polícia

Encontram-se em poder da P. S. P.: 1 Porta-moedas com um lenço; 1 Limpa-Brisas para automóvel; 1 véu para criança; 1 porta-moedas com dinheiro; 1 carneiro, de que há bastante tempo demos notícia, e de que ainda não apareceu o dono.

Todos estes objectos têm 15 dias para serem entregues a quem provar pertencer-lhes.

Arrendam-se

— MALHADAS, na estrada da Atalaia, para porcos ou para fabrico de cortiça. Trata-se na Rua Santos Oliveira - 21 - Montijo.

— Pequena PROPRIEDADE rústica, junto de Montijo, que tenha poço e malhada. Nesta redacção se informa.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 31 — *Giraldes*
6.ª-feira, 1 — *Montepio*
Sábado, 2 — *Moderna*
Domingo, 3 — *Diogo*
2.ª-feira, 4 — *Giraldes*
3.ª-feira, 5 — *Montepio*
4.ª-feira, 6 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9, 9,30 e 14 horas.
Confissão.
6.ª-feira — às 9 e 18 horas.
Sábado — às 9, 17 e 17,30 horas.
Domingo — às 8, 9, 10, 11,30; 11,30 (Atalaia); 18 Montijo.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 31; (Para 13 anos) um filme em VistaVision e em Tecnicolor, uma realização de Alfred Hitchcock «O Terceiro Tiro», com Edmund Gwenn, John Forsythe e Shirley Mac Laine; no programa complementos curtos.

6.ª feira, 1; (Para 18 anos) um filme em Superscópio «Os Bravos Também Amam», com Wendell Corey, Mickey Rooney, Don Taylor e Nicole Maury; em complemento «Vidas Inquietas», com Jean Simmons e Robert Mitchum.

Sábado, 2; (Para 13 anos) uma vez mais a extraordinária produção mexicana «Seis Corações a Compasso»; no programa, complementos curtos e um desenho de Welt Disney.

Domingo, 3; (Para 13 anos) um filme em Cinemascope e Warnercolor «Aldeia em Fuga», com John Wayne e Lauren Bacall.

2.ª feira, 4; (Para 18 anos) um filme diferente, um filme de classe «A Vida ou a Morte», com Glenn Ford, Jeanne Crain e Broderick Crawford. Um filme Metro; no programa interessantes complementos curtos.

3.ª feira, 5; (Para 18 anos) um espectáculo sério de impressionante realismo «O Conto do Vigário», com Broderick Crawford e Giulietta Mazino; no programa complementos curtos.

4.ª feira, 6; «Vingança do Monstro» com «Vagabundo dos Sonhos».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 2; (Para 13 anos) o filme de aventuras entre índios e brancos, com o actor atleta Lex Barker «Forte Niágara»; e o filme histórico de aventuras «A Prisioneira da Torre de Fogo».

Domingo, 3; (Para 18 anos) o assombroso drama em Cinemascope «Salvem o Meu Filho» e lindos complementos; às 18 horas, um lindo espectáculo para crianças; ver programas definitivos.

2.ª feira, 4; (Para 18 anos) o filme de emoção colorido por natural Vision «Máscaras de Cera»; e o lindo complemento musical colorido «Capricho Espanhol».

4.ª feira, 6; (Para 13 anos) novamente o maior êxito musical do ano «O Ritmo do Século»; e interessantes complementos.

Vende-se

— MOINHO de CAFÉ por estrear, com grande desconto, tem automático e mói 70 k. de café por hora.

Neste redacção se informa.

— Por motivo de retirada, um PREDIO na Avenida Nuno Alvares Pereira, 54 — com frente para Luís de Camões, e anexos.

A Verdade

(Continuação da primeira página)

Pilatos, teimam em sobreviver, não para crucificarem outros homens, porque tal espécie de sacrifício está banida, mas por se julgarem herdeiros duma árvore genealógica cujos ramos têm servido a riqueza, a ambição, o ódio e o crime.

E vingam, pululam e fazem frente à verdade, não com palavras de amor ou de perdão, porque essas eles não as conseguem aprender, mas com frases desabridas, violentas, cheias de rancor e de desprezo pelo semelhante.

Para eles, o perdão é ultrajante porque põe o indivíduo a suplicar clemências absurdas, patéticas; o amor uma coisa aborrecida, importuna, só capaz de amolecer os ânimos predestinados à força e à violência; a caridade uma ignomínia, um estorvo, que não se deve praticar sem risco de ver a sociedade transformada num albergue.

Para esses corações altivos, julgados senhores da vida, tudo o que Cristo ensinou, não passa de lindas histórias para adormecer consciências supersticiosas.

O pior para eles, porém, para toda essa gentilha que teima em não querer ver a luz da verdade, está na prova, no eloquente testemunho de ela ter vencido o próprio tempo e a tal ponto que a história de Jesus Cristo é a única que o homem conserva no coração, porque é a única, através dos séculos, que ele sente ser verdadeira.

A dialéctica da verdade seria longa. Poderíamos dizer que a verdade é tudo o que a alma exprime sem sombras de maldade, de egoísmo ou de ressentimentos; é a luz a iluminar as trevas da dúvida e da ignorância. É a chama que acalenta, nos momentos de incerteza e de desânimo, o coração. É o leito onde a consciência repousa tranquilamente.

Mas nós desejamos focar aquela verdade que foi exaltada com o sacrifício da vida do Senhor, porque é a única, quanto a nós, que merece ser divulgada e glorificada.

A verdade, pois, senhores, aquela verdade que não tem duas fases, que não tem dois sentidos, que não pode ser mal interpretada porque é filha da razão, do direito, da justiça e do amor; essa verdade que os homens disputam ardentemente entre si como supremo triunfo; essa verdade que é guia e consolo dos infelizes, refugio e esperança dos amargurados; essa verdade, dizíamos, não é nem pode ser alvo de disputas ou de mal entendidos, porque ela foi ensinada aos homens como símbolo duma nova vida, dum novo entendimento fraternal.

E se o seu exemplo não atingiu ainda nos nossos dias aquela compreensão por que tanto desejaríamos ver espa-

lhada à nossa volta, deve-se mais à ignorância da doutrina divina do que propriamente ao desejo de ver proliferar o mal. A ignorância é mãe de todos os vícios e pode por isso mesmo abrigar o crime sem correr o risco de se sentir arrependida.

Ninguém deve ser indiferente ao sacrifício duma vida, mormente quando esse sacrifício foi suportado por por um Homem que abdicou de tudo para se oferecer em holocausto pela doutrina que reputou digna de ser transmitida aos homens, para seu maior bem e para sua eterna glória. Ao apontar o seu exemplo, norteia-nos apenas a esperança de termos trilhado, ainda que por momentos, o caminho da Verdade.

Álvaro Perelra

Olha a tua saúde

Doenças do fígado - Compilado do livro do Prof. Nicola Capó

Tratámos, mais ou menos, das doenças dessa glândula tão importante do nosso organismo, fonte de tantos males e de tantos sofrimentos.

Foram uns simples elementos que demos, sem qualquer pretensão de publicarmos um tratado completo, unicamente para melhor se compreenderem as doutrinas que vão seguir.

O autor donde extraímos estas noções é Director do Instituto de Trofoterapia de Barcelona e, por conseguinte, uma autoridade no assunto.

Os tratamentos para as doenças indicadas são também da sua autoria. Não são, portanto, panaceias.

Como regras gerais, expõe:

— As doenças do fígado são provocadas pela má qualidade dos alimentos digeridos

diariamente. A alimentação mal regulada provoca a nevrose, as dores de cabeça e a fadiga.

Infelizmente, está muito espalhado o consumo de carnes, conservas, alcoois, mariscos, etc., do que resulta a intoxicação do organismo e o mau funcionamento daquela glândula.

A maioria dessas doenças pode curar-se observando uma dieta adequada, ingerindo-se os sumos de frutos ácidos: limão, laranja, uvas, ananás, pêssego, damasco, ameixa, etc..

Estes frutos são os reguladores harmoniosos que concorrem para o equilíbrio funcional.

O café, o chá, os vinhos, licores, cervejas e outras bebidas brancas e espirituosas são sempre maus para o fígado; porco, boi ou vaca, coelho, aves, bacalhau, canela, cravo, açafraão, pimenta, mostarda, pimentões; leite, ovos, queijos fortes, salsichas, chocolate, chouriços, cremes em geral, são grandes venenos.

É preciso também não abusar das leguminosas, feijão, grão, ervilhas, favas, nem dos frutos oleaginosos, amêndoas, nozes, cocos, avelãs, nem do mel, pudins, confeitarias, pastéis, pastelarias finas, etc..

Recomenda-se, pois, um regime alimentar cru e natural.

Uma alimentação científica natural é suficiente para curar, regenerar e desinflamar todos os maus sintomas de atrofia e de hipertrofia do fígado.

Os sumos de cenouras e de cebolas, com bastante sumo de limão, dão excelentes resultados.

Eis um exemplo de menu para as doenças do fígado: — De manhã, ao levantar, sumo dum ou dois limões, de laranja ou de uvas, conforme a época.

— Pequeno almoço: Bastante fruta fresca e uma chá-

vena de chá de cascas de maçãs, ou as próprias cascas.

— Meia hora antes do almoço: sumo dum limão.

— Almoço: Um bom prato de saladas, cenouras raladas, aipo, alface com cebola e alhos, 6 a 7 azeitonas pretas, e uma pequena quantidade de azeite fino. Comer a salada com um prato de couve flor cozida, ou outra verdura, em pouca água, temperado com azeite e alho ou cebola.

Pão torrado ou biscoitos. Duas maçãs e duas ou três nozes. Mastigar muito bem e lentamente.

— De tarde: Sumo dum limão, duma laranja, ou de uvas. Sopa de cebolas, com trigo demolido inteiro, ou flocos de aveia (sem legumes nem azeite) com uma pequena quantidade de manteiga, e um grande prato de salada de frutas (laranjas em fatias, morangos, maçãs, peras, etc.) com uma colher de mel. Pão torrado e chá de cascas de maçã.

— Nunca deitar em cima da refeição.

Passear ao ar livre.

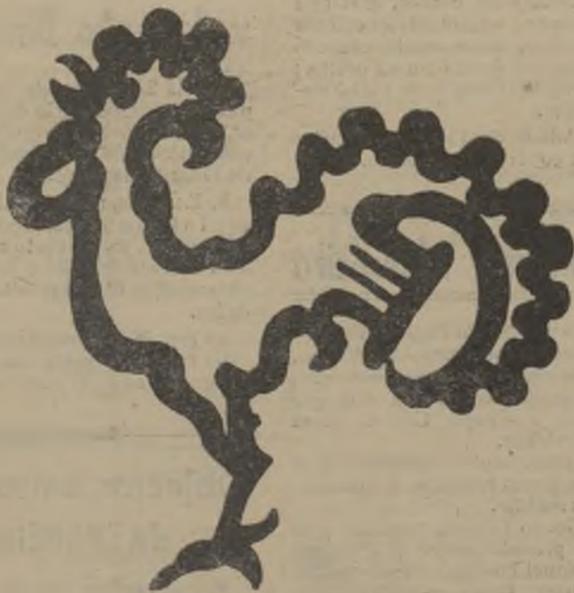
— Na cama, saco com água quente sobre o fígado toda a noite.

(Continua)

As mulheres da Beira Baixa e a Rainha da Inglaterra

Por iniciativa da Junta Provincial da Beira Baixa, a que preside o nosso velho amigo, sr. Dr. Alberto Trindade, e com a colaboração das Câmaras Municipais do Distrito de Castelo Branco, vão as mulheres da Beira Baixa oferecer à Rainha Isabel da Inglaterra, quando da sua visita a Portugal, uma colcha de bordado, de bordados de Castelo Branco. A execução da referida colcha está a

Baixa, o desenho já foi passado a limpo e as raparigas da «Casa Mãe» estão já, afanosamente, trabalhando com os bordados. A colcha ostenta na cercadura os brasões dos 13 concelhos da província, a saber: Belmonte, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Mação, Oleiros, Pampilhosa da Serra, Penamacor, Proença, Sertã, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão,



O GALO — Marca da Casa Mãe dos bordados de Castelo Branco

cargo da «Casa da Mãe dos Bordados de Castelo Branco, de que é proprietário o nosso antigo condiscípulo do liceu Nuno Álvares, sr. Elisio José de Sousa, e dos desenhos foi encarregado o nosso antigo mestre de desenho e alma de artista, sr. Eurico de Sales Viana, chefe da secção Técnica da Câmara de Castelo Branco e etnógrafo muito distinto.

Segundo informações recebidas da capital da Beira

e, ao centro, as Armas Reais inglesas.

Acompanha a colcha, que será encerrada num cofre de mogno com aplicações de ferro torjado, uma mensagem assinada pelas esposas dos presidentes daqueles corpos administrativos, um nome da população feminina desta província, de que o Príncipe herdeiro tomou o nome de «Príncipe Real das Beiras».

O sr. Governador Civil

INDICE

Continuamos a receber regularmente os serviços de permuta do arquivo de recortes da Imprensa «INDICE» com referências ao nosso jornal, o que muito agradecemos.

Daqui o recomendamos aos nossos leitores interessados nesta excelente Organização, útil a qualquer actividade e cuja sede se encontra instalada em Lisboa, na Rua Eduardo Coelho, n.º 35-3.º Esq.º — Telefone 28240.

de Castelo Branco, Dr. José de Carvalho, apoiou, logo de princípio, esta iniciativa. Nós congratulamo-nos com a mesma iniciativa.

Montijo — Dia de S. Sebastião de 1957.

José Manuel Landeiro

P. S. — No próximo número de «A Província» diremos o que são os «Bordados de Castelo Branco».

Pela IMPRENSA

Com o N.º 803, de 10 do corrente, completou 21 anos o nosso prezado colega «O Castanheirense», que se publica em Castanheira de Pera e de que é Director Ilídio José Coelho.

Felicitemos o caro colega pela sua maioridade e fazemos sinceros votos por uma infinita e próspera velhice.

— Com o N.º 1915, de 9 do corrente, completou 41 anos de idade «A Rabeca», excelente semanário que se publica em Portalegre e de que é Director João Diogo Casaca.

Felicitemos o ilustre colega de Imprensa e desejamos-lhe a mais prolongada vida, repleta dos maiores êxitos e felicidades.

— Em 11 do corrente completou 31 anos de vida o «Jornal de Elvas», com o qual gostosamente permutamos.

Por este motivo, cumprimentamos o seu Director Eurico Gama e quantos ali trabalham, desejando ao prezado colega todas as venturas e todas as prosperidades por longa existência.

— Com seu N.º 97, de 10 do corrente, completou 4 anos de existência o nosso prezado colega «O Norte do Distrito», que se publica em Figueiró dos Vinhos e de que é Director o Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado.

Cumprimentamos e felicitamos, desejando-lhe todas as prosperidades.

Telefone 098 576

Data bona Fotografias

Foto Montijense

O MEU DIÁRIO

Exclusivo para «A Província»

1 Narrado pela jovem actriz cinematográfica

Maria Dulce

Abril de 1951. O cinema português, falto até então de vedetas infantis que nos tivessem revelado qualidades histriónicas invulgares, tal como o cinema estrangeiro já no-lo havia proporcionado com a simpática garota norte americana Mary Osborne e com a talentosa Bouboule, afilhada da malograda Mistinguette, buscava desde há muitos anos a sua vedeta infantil excepcional.

Se bem que num género muito diferente e mais elevado sob o ponto de vista artístico, a exibição relativamente recente, à data, da película do realizador António Lopes Ribeiro, «Frei Luís de Sousa», extraída da obra imortal do Visconde de Almeida Garrett, tinha

PREÂMBULO

zinha, pequena na idade, mas já maior no seu talento de comediante.

Como disse a jornalista espanhola em «Primer Plano», mais tarde, quando Maria Dulce esteve pela primeira vez a filmar em

Escrito por

Aníbal Anjos

Madrid: «*Maria Dulce es muy rubia y hace honor a su nombre, porque es muy dulce; dulce con sus ojos azules, el color de su pelo y de su cutis. Dulce su voz y su modo de ser.*», essa foi a minha primeira impressão, a qual, aliada ao modesto ambiente, conquistou a minha simpatia por Maria Dulce e dificilmente eu via naquela criança, ainda de piúgos e de cabeleira loira, a genialíssima intérprete que foi da personagem de Almeida Garrett. Desde esse primeiro contacto nasceu entre nós uma simpatia que, ainda à data em que vos escrevo estas linhas, se mantém, como a de um pai e uma filha, e levado por este afecto, apoiado no talento que esta criança revelava, se elaborou «O MEU DIÁRIO», ditado pela encantadora actrizinha e escrito por mim, sobre a história da sua estreia no cinema português, o qual «A PROVINCIA» vai agora dar à luz da publicidade, ampliado com mais alguns pormenores das actividades da artista, em Espanha, onde Maria Dulce vive com seus pais.

Posteriormente a isso, tive ainda o gosto de, a seu pedido, traduzir a comédia dramática «No», do dramaturgo espanhol, Fernando Martinez Beltrán (Juanon), a qual Maria Dulce interpretou no Teatro Avenida com extraordinário êxito, contracenando com o actor Rogério Paulo, na tarde de 18 de Junho de 1953, em récita única, — e espectáculo de beneficência a favor da Fragata «D. Fernando e Glória» e da Obra de Assistência de Coimbra, do illustre professor Doutor Bissaya Barreto.

A propósito do talento de Maria Dulce, respigo dum exemplar da revista «Imagem», publicado para a noite da distribuição dos Prémios da Crítica aos intérpretes e colaboradores de «Frei Luís de Sousa», as

seguintes linhas sobre a artista:

— «*Maria Dulce — a triunfadora de «Frei Luís de Sousa», a pequena-grande artista já hoje um dos nossos primeiros nomes cine-*



Maria Dulce no filme Nossa Senhora de Fátima.

matográficos e que em Espanha está a conquistar grande popularidade e categoria, tem hoje a consagração do seu real talento».

Nesta noite gloriosa para Maria Dulce e para tantos outros que contribuíram para a realização do filme «Frei Luís de Sousa», tais como o realizador António Lopes Ribeiro, o actor Raúl de Carvalho, Maria Sampaio (à data ausente no Brasil), João Villaret, Cremilda de Oliveira, Maria Olguim, Aquilino Mendes (operador), Henrique Dominguez (técnico do som), Virgílio Teixeira, Henri Vidal e António Vilar (ausente em Espanha), a então mais jovem actrizinha não só do nosso cinema mas também do Teatro Nacional e declamadora subtil, foi alvo de uma grande ovação, de mãos dadas com os artistas acima referidos, tendo recebido, em cena aberta, um grande medalhão como «prémio especial» que lhe foi atribuído por aquela revista.

O signatário deste trabalho, que assistiu ao espectáculo de consagração de que Maria Dulce partilhou largamente, teve depois ensejo de admirar em sua casa o referido grande medalhão, que era todo o seu enlevo, não verdadeiramente pela beleza que o mesmo tinha, mas pelo que de simbólico do esforço da actrizinha ele encerrava.

A seu respeito referiu-se o jornalista José H. Barata, na edição da primeira quinzena de Novembro de 1951, do Jornal «Correio de San-

Por Terras Galegas

A todos os meus companheiros de viagem

De Orense a Valência

X V

Partimos depois da hora marcada. Continua a sessão no autocarro. Agora, talvez efeitos da proximidade da terra portuguesa, a animação cresce e a alegria aumenta.

Voltam as anedotas, as canções, as pandeiretas e as gaitas galegas.

Em Ribadavia paramos uns instantes.

Encetei conversa com uns galegos que se aproximaram, os quais, bisbilhoteiros como é costume, quizeram saber donde éramos.

Quando lhes disse que éramos de Montijo, logo uns tantos me responderam: *Ya lo sé. Sou ustedes del pueblo de la Filarmonica 1º de Diciembre, que hay estado con nosotros em Bouças este año...*

Y entonces? — lhes perguntei eu.

— *Muy bien, muy bien!*

Como o mundo é pequeno, afinal!

E pelo que ouvi de viva voz, e eu já sabia, a nossa Banda 1.º de Dezembro, de Montijo, deixou pela Galiza as melhores impressões.

Muitos «adiós» e *muchas gracias* e lá partimos.

De Ribadavia passamos a Duentearrea.

É aqui o centro do «partido» formado pelos dois povos: Mondariz (célebres águas e balneário) e Salvaterra do Minho.

Conserva ainda na vila a antiga ponte que lhe deu o nome Areas, o antigo núcleo, continua reduzida a simples aldeia.

O vale é autenticamente minhoto, pouco aberto às influências directas do litoral, aprazível e temperado, — média de 15.º, um tanto húmido.

Seguimos a Porriño.

A paisagem é já quase nossa. Parece que vamos pelo Minho e suas características estradas.

Aproximamo-nos da fronteira.

A cantoria aumenta. Cada vez mais animação e mais alegria. Estamos na aduana

não tarda! E depois, Valença, Portugal!

De repente, paragem brusca do autocarro.

— Que há? Que se passa? Que aconteceu?

Apenas um pedaço de ferro que nos furou a roda direita da frente, atravessando o pneu e a câmara e fazendo um rasgão formidável.

Também foi o único contratempo que tivemos com a viagem e o nosso transporte. Nada mais.

No entanto, tivemos ali que fazer!

Ainda foi um trabalho!

Os que sabiam da poda, tiveram que ajudar o nosso motorista, — motorista como deve haver poucos, já pela sua compostura, já pela sua paciência, já pela afabilidade do trato.

Todos se esforçam por disfarçar o aborrecimento, e o caso passa sem mais comentários.

O motorista é que não está satisfeito. Mostra-se desconfiado. Diz que um pedaço de ferro daquele tamanho, só posto ali de propósito...

Não acreditamos. Trata-se dum acaso qualquer e nada mais. Foram as despedidas das terras galegas, e pronto.

Prosseguimos a viagem. Pouco nos falta para a aduana espanhola.

Acabado quanto nos interessava em terras estranhas, já ansiávamos por chegar às nossas.

Na aduana houve pequena demora. Rapidamente nos despacham. Questão de meia hora.

Pudera! Que lhes importa o que possam trazer os turistas? Tomaram eles que trouxessem dez vezes mais...

Alguns aproveitam os últimos instantes de Espanha para ainda comprarem bugigangas, chocolates e rebuçados, e as pesetas desaparecem como por encanto...

E tudo despachado, vamos agora a caminho do nosso querido torrão.

(Continua)

Álvaro Valente



A actriz cinematográfica Maria Dulce

dado aos portugueses esse ensejo, através do talento inconfundível que despontava, da juvenil Maria Dulce que tão bem se houvera no desempenho do difícil papel de «D. Maria de Noronha». O jornalista, mais do que qualquer outra pessoa, não podia ficar insensível a tão brilhante revelação que havia despertado justificado interesse no nosso público, e para mais tratou-se de uma criança que revelava dotes excepcionais de grande artista logo ao seu primeiro filme.

Foi numa noite ainda levemente frígida dessa Primavera que eu busquei por todos os meios chegar à fala com Maria Dulce, e ao cabo de quase uma noite de telefonemas, consegui escutar a sua voz docemente infantil à *l'autre bout du fil* e combinámos a entrevista para o dia seguinte de manhã, em casa da novel actri-

tos» (Brasil), nos seguintes termos:

— «E assim evoluiu o cinema luso, pleno de humanidade e trazendo em si o germe das preocupações da nossa época.

Foi em tal ambiente que surgiu a jovem Maria Dulce, autêntico e indiscutível valor no cinema e na difícil arte de declamar, pondo toda a sua exuberante arte ao serviço dos seus irmãos na interpretação do papel de «D. Maria de Noronha», no filme português «Frei Luís de Sousa».

Agora acaba Maria Dulce de terminar o seu filme «La Señora de Fátima», rodado nos Estúdios da Espa-

nya, pondo sua arte nova, renovadora e profundamente humana, interpretando o papel de «Jacinta», a pastorinha que viu Nossa Senhora.

Foi neste ambiente que o grande realizador Arthur Rank a convidou a filmar em Londres. Ao contrário das grandes empresas, com as suas vedetas que passam a vida a fumar cigarros caros e a abrir e fechar portas de automóveis de luxo, Rank foi buscar a sua protagonista ao cinema português, o que atesta sobremaneira o valor da «pequena grande artista de hoje, que será amanhã a grande vedeta do cinema português», — como bem fri-

(Continua na página 6)

DESPORTOS

Futebol Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Beja, 1 - Montijo, 0

Equipas:

BEJA: — Rosa; Honório e Sezinando; Soares, Feliciano e Madaleno; Tareco, Meira, Aureliano, Diamantino e Perdigão.

MONTIJO: — Redol; Valentim e Anica; Santana, Manuel Luís e Barragon; Serralha, Barriga, Vredas, Mora e Paulo.

ARBITRO: — Abel Macedo Pires, de Lisboa.

CAMPO: — Estádio Municipal de Beja.

Pareceu-nos que o nosso Desportivo não teve neste encontro aquela visão de que necessitava.

Colocando-se, como quase sempre se colocou, à defesa, deu-nos a impressão de que apenas procurava evitar que o marcador subisse.

Ainda mesmo quando nitidamente vencido, menos se compreendeu a razão porque continuou com esse critério, em vez de se lançar ao ataque, como devia.

A tática seguida, a nosso ver, foi, porventura, errada, conduzindo o jogo a uma enervante monotonia, sem qualquer resultado prático.

Na primeira parte, os grupos observando-se mutuamente, denotaram pouca vontade de iniciarem lances decisivos, quase sempre restringidos ao «meio campo». Daqui resultou que, a pouco e pouco, os alentejanos se assenhorearam do comando da partida, conseguindo o 1.º e único golo aos 20 minutos por intermédio de Diamantino.

Daqui até final do 1.º tempo, ainda que o jogo retomasse certa velocidade e energia, os de Beja perderam oportunidades e falharam nos remates.

Redol teve brilhantes defesas, como quase sempre; e, se não fora ele e talvez também a falta de sorte dos visitados, muito maior

teria sido a diferença dos vencedores.

No segundo tempo, embora com pequenas variantes, o jogo decorreu no mesmo tom.

Temos que dizer toda a verdade. O Desportivo de Beja venceu porque merecia vencer.

O facto de aparecer no marcador com um único golo, significa somente que teve pela frente uma equipa que se pôs à defesa enérgicamente e daí não saiu.

Já noutros encontros, fora de

casa, temos notado a mesma preocupação, em nosso critério contrário ao que tudo indica.

Dos nossos jogadores distinguiremos Redol e Manuel Luís, que bem se esforçaram por defender as cores do nosso Clube.

Dos de Beja, apontaremos o interior Meira e Sezinando.

A arbitragem não nos agradou. Achamo-la muito deficiente, tanto mais que a tarefa não teve grandes dificuldades.

E assim, o Desportivo de Montijo continuou em 2.º lugar com 28 pontos, seguido de perto pelo Coruchense e pelo Olhanense com 27 cada. À cabeça, o Farense com 34 pontos.

Seguido de perto pelo Coruchense e pelo Olhanense, — um ponto distante e apenas...

E o que vos lembra o

João di cá

Motociclismo

As actividades do Moto Clube de Lisboa.

Em face das medidas oficiais da restrição de consumo de carburantes que motivaram a proibição temporária da realização de competições desportivas da modalidade, a Direcção do Moto Clube de Lisboa apresentou superiormente, com fundamento em motivos que alegou, o pedido de levantamento das referidas proibições.

Foi concedida, até regulamentação oficial, autorização para a saída do país, de veículos motos e scooters, em viagens ao estrangeiro, em termos idênticos aos anteriores às mencionadas restrições.

Em face de determinações recentes, impeditivas do transporte em motociclos, nos centros urbanos, de passageiras sentadas lateralmente, a Direcção do M. C. L., também apresentou às autoridades oficiais o pedido de revisão interpretativa das disposições contidas no novo Código da Estrada.

— Manifestação de Homagem à Rainha da Inglaterra

Por motivo da próxima visita a Lisboa de S. Majestade a Rainha de Inglaterra, onde a modalidade desportiva teve o seu início, o Moto Clube tomou já a iniciativa de preparar uma grande manifestação de apreço e simpatia àquela Soberana, promovendo uma grande concentração de motociclistas, associando-se assim ao recebimento festivo que lhe está sendo preparado em todos os meios.

Emprestam-se

— 10.000\$00 sobre hipoteca.

Nesta redacção se informa

Vende-se

— VIOLINO marca Breton Bréville, em estado novo, com estejo e arco.

Trata Rua Almirante Reis, 26 Montijo.

O MEU DIÁRIO

(EXCLUSIVO PARA «A PROVINCIA»)

(Continuação da página 5) zou o nosso prezado confrade lisboeta Aníbal Anjos».

Por último, o jornal «Informaciones» de Madrid, na sua edição de 11 de Novembro de 1952, na rubrica «Crítica de Cine», refere-se à nossa genial compatriota da seguinte maneira, relativamente à interpretação de Maria Dulce em «Senhora de Fátima»:

— «Maria Dulce entre ellos — estan a tono con sus papeles, destacandose por la fuerza que infunde a sus breves y secundarios cometidos Julia Caba, Pepe Nieto, Carmen Fernandez, Rabal, Nani, Fernandez y Margarita Robles».

Mas Maria Dulce não é somente uma grande actriz da tela, do palco e uma empolgante declamadora. No seu peito vibra também um bom coração.

De «O Cartaz» de 12 de Fevereiro de 1952, transcrevemos com a devida vénia esta noticia a seu respeito:

— «Atitudes. — Há gestos que, por si só e sem mais comentários que o de uma simples noticia como esta, provam a evidência quanto é requintada a sensibilidade de certos artistas e como neles se mantém, viva e fulgurante, aquela simplicidade nas acções que definem um bom carácter.

Pelo que ao nosso conhecimento chegou, a novel actriz Maria Dulce pode enfileirar no número dessas pessoas.

Nós soubemos... e arquivámos. Foi o caso que a simpática artista, sabendo que uma sua pequenina admiradora, de nome Mariana de Sousa, se encontrava internada no Hospital de Santa Marta — enfermaria C. D. - C. 2 (vão todos os dados para melhor elucidação dos duvidosos) teve a louvável atitude de ir visitá-la, levando-lhe um pouco de conforto espiritual que, certamente, calou no íntimo da pequenina doente. Ao mesmo tempo, Maria Dulce

levou a todos os doentinhos ali internados lembranças pessoais para que sempre se recordassem com prazer da sua visita inesperada, mas a todos os títulos significativa».

No decorrer de vários artigos que brevemente se seguirão ao presente, vamos ter o prazer de relatar não só os auspiciosos debutes de Maria Dulce, mas também o que foi a sua carreira gloriosa — chamemos-lhe assim, atendendo à sua pouca idade — e também das suas recentes actividades cinematográficas em Madrid, na base das quais está, neste momento, a sua última actuação em «Pedras Vivas», que brevemente se estreiará num dos melhores cinemas de Lisboa.

A Seguir: — «O MEU DIÁRIO», de Maria Dulce, narrado por Aníbal Anjos.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1957.

Aníbal Anjos

Do Minho ao Guadiana PEGÕES

Para completar a noticia que o nosso jornal publicou, acerca da representação que no passado dia 20 do corrente foi entregue a Sua Ex.ª o Subsecretário da Agricultura, transcrevemos agora o seu conteúdo:

«Excelência: Marcando hoje uma data festiva, que ficará para o futuro, a inauguração oficial da freguesia de Pegões, tendo como Padroeiro Santo Isidro, o povo ordeiro, trabalhador e consciente dos seus deveres, não podia ficar alheio e não se associar a tão justo como desejado melhoramento.

Reina grande descontentamento, pois criou-se a freguesia de Pegões e aos agregados populacionais que já existiam, e foi-lhes indicado que ficassem onde estavam, tirando-lhes a alegria desta festa que por direito deveria ser também a sua. Fizeram-se «abaixos assinados» e representações e tudo foi inútil, cremos que só por causa duma dúzia de indivíduos ou pouco mais, servindo deste modo de caprichos para uns e de interesses individuais para outros, e esquecendo-se o interesse colectivo deste povo.

Ex.ª: — O povo de Pegões aqui está de novo a mostrar publicamente o seu descontentamento, pedindo a V. Ex.ª que transmita e interceda junto de Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior, o seu firme e lógico desejo de

partencer à nova Freguesia de Pegões, a que por título tem direito, esperando serenamente que justiça lhe será feita. E se alguma dúvida subsistir, aqui tem V. Ex.ª o povo de Pegões Cruzamento e Pegões Estação para tirar dúvidas se tanto for necessário.

Mas não; não há dúvidas de que estamos ligados à nova freguesia pelo espírito e pelo coração». — (C.)

Marçano

— PRECISA-SE de 14 a 16 anos com alguma prática.

Informa Cooperativa dos Trabalhadores Rurais.

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui... fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedacos deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos. Pedidos à Redacção de «A Província».

Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 19

Acertou em 13 resultados o Sr. Herculano G. Bárbara

Rua Central, 20 — MONTIJO

Prémios para o cupão n.º 21

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 21

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Cuf	Lusitano	Montijo	Estoril
Porto	Caldas	Juventude	Olivais
Covilhã	Belenenses	Beja	Olhanense
Sporting	Atlético	Arroios	Portalegre
Benfica	Oriental	Almada	Coruchense
Académica	Setúbal	Farense	Portimone.
Torreense	Barreirense	«Os Leões»	Montemor

Nome

Morada

Localidade

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 10

do Minho ao Guadiana

BAIXA DA BANHEIRA (ALHOS VEDROS)

CLUBE UNIÃO BANHEIRENSE «O CHINQUILHO» — Principais acontecimentos: Em 27 de Dezembro de 1956, cerca das 22 horas, reuniu a assembleia geral ordinária, para eleição dos novos corpos gerentes de 1957, que ficaram assim constituídos: Assembleia Geral: Presidente, José Rosa Figueiredo; Vice-Presidente, (Delegado à F. S. R.) Bernardino Augusto Xavier; 1.º Secr. Mariano de Sousa Amaro; e 2.º Secr. Joaquim Antunes. Direcção: Presidente, Eduardo Gonçalves Martins; Vice-Presidente, Fernando A. L. Ferreira; Secr. Geral, José Belchior; 1.º Secr. Adjunto, Custódio José Monteiro; 2.º Secr. Adjunto, António José Júlio; Tesoureiro, Francisco R. M. da Silva; Vogais: 1.º, José Branco; 2.º, Eusébio da Conceição Barreiras; 3.º, Joaquim António Carvalho. Suplentes: 1.º (Núcleo cultural), João Mousinho; 2.º, (Secção de chinquilha) José Martins Caiado; 3.º, José Fonseca; 4.º, José Bile Batata; 5.º, Artur Martins; 6.º, Joaquim da Luz; 7.º, António Francisco Cláudio; 8.º, Américo Coelho Ferreira. Conselho Fiscal: Presidente, João Luís dos Santos; Secr. Amadeu de Oliveira Santos; e Relator, António Joaquim de Sousa.

«A Província» apresenta sinceras felicitações e votos das melhores facilidades do desempenho das suas espinhosas missões.

— Em 30 de Dezembro de 1956, realizou-se um animadíssimo baile, abrilhantado pelo popular e apreciado conjunto musical «Príncipes da Paródia», de Lavradio, e que se compõe dos seguintes elementos: Joaquim de Brito Alves, José Armino, Aníbal Faisca, Magno Ferreira, António Cantante, Manuel Picado, Francisco Picado e como vocalista o Sr. Bernardino Dias.

— Em 1 de Janeiro de 1957, um grandioso e sensacional espectáculo, organizado pela Empresa de Espectáculos «Cinderela» de que é empresário M. S. Carvalho (Margol), e em que colaboraram os seus artistas privativos: Juanita Alvarez, Lenita Moreno, Manuel Mestre, Mary Melita e Maria Manuela da Silva, e sob a direcção artística de Armando José, a categorizada «Orquestra Boémia».

«A Província», por intermédio do seu correspondente local, apresentou cumprimentos e felicitações a

referida Orquestra e todos os artistas pela maneira simpática e agradável como actuaram de principio ao fim, e em especial Lenita Moreno e Juanita Alvarez que fecharam o espectáculo com chave de ouro, cantando a popular «Marcha de Lisboa».

— Em 12 a 13 de Janeiro, um animadíssimo baile abrilhantado pelo conjunto musical «Os Rivalistas», de Moita do Ribatejo.

GINÁSIO ATLÉTICO CLUBE — Para dirigir os destinos desta colectividade em 1957, reuniu a assembleia geral ordinária em 20 de Dezembro de 1956, elegendo os seguintes corpos gerentes: Direcção — Presidente, António Henrique dos Santos; Vice-Presidente, Alberto Mendonça; 1.º Secr., Camilo de Jesus J.º; 2.º Secr., José Conde; Tesoureiro, Fernando Viagas Nunes; Vogais — 1.º, José Pessegueiro; 2.º, Manuel Baptista do Carmo Sousa; Suplentes: 1.º, Adelino Augusto Ribeiro Chula; 2.º, Marcos Joaquim Carteiro; 3.º, António Ruivo; 4.º, Dionísio Gomes Rolo. Conselho Fiscal: Presidente, José António de Oliveira; Secr. Joaquim Marques Adriano; Relator, Francisco Valente. Assembleia Geral — Presidente, António Duarte Eliseu; Vice-Presidente, José Pedro Nunes; 1.º Secr., João Chagas; 2.º Secr., Joaquim Viagas. Aos novos corpos impossados, os nossos sinceros cumprimentos e votos de muitas felicidades.

Também em 5 do corrente se realizou na colectividade um baile dedicado aos sócios e suas famílias, que esteve largamente concorrido e foi abrilhantado pelo conjunto musical «Ideal Ritmo», nosso estimado assinante em Lavradio.

GRUPO COLUMBÓFILO BANHEIRENSE — Também há poucos dias nesta colectividade foram impossados os novos corpos gerentes para 1957, que ficaram assim constituídos: Direcção — Presidente, Joaquim Pires Fraqueira; Secr., João Frederique da Silva Amado; Tesoureiro, Alexandre António Nazário. Conselho Fiscal — Presidente, Manuel dos Santos Águas; Relator, António da Conceição Tojuro. Assembleia Geral — Presidente, Joaquim de Brito da Silva; Secr., António dos Anjos Amado. Os nossos sinceros parabéns. (C.)

Viana do Castelo

Turismo — Viveu durante anos embalado por um sonho, tendo nestes últimos tempos acordado, podendo mesmo dizer-se que o Turismo em Viana — ressuscitou das própria cinzas em que se encontrava — devido à força animada pelo amor à terra que embalou os primeiros sonhos daqueles que estão à frente dos seus destinos. Oxalá que essa força não arrefeça, o que estou convencido que não acontecerá, visto estar acalentada por corações que arrecadam o muito amor que consagram à Feiticeira Viana.

Regata Internacional — Trabalha-se activamente para que esta se realize no próximo ano no encantador rio Lima.

Exportação de Caulino — Esta substância argilosa, própria para o fabrico de porcelanas, está a ser extraída na freguesia de Alvaiães, tendo-se realizado o primeiro carregamento no porto de Viana no navio espanhol «Virgen de la Esperanza».

Inauguração de trabalhos, do escultor Daretta Feio — Realizou-se no Museu esta inauguração, com a assistência do ilustre Governador Civil, Presidente da Câmara e demais autoridades, tendo todos os trabalhos sido muito apreciados.

Loja de Panificação — Na rua de Aveiro, foi inaugurado este estabelecimento, que se encontra apetrechado com maquinismos alemães. É um estabelecimento modelar, único no género existente no País.

Ao seu constructor Mário Santos e ao empreiteiro Parente, enviamos um abraço de felicitações. — (C.)

Beja

Falecimento

No passado dia 13 do corrente, faleceu nesta vila, donde era natural, o sr. António dos Santos Silva Junior, de 56 anos de idade, Juiz de Direito, aposentado. Era casado com a sr.ª D. Maria Domingas Rodrigues Marques e pai dos meninos, António Rodrigues dos Santos Silva e Maria Bárbara Rodrigues dos Santos Silva.

No funeral, que foi bastante concorrido, viam-se pessoas de todas as condições sociais, pois o extinto gozava de gerais simpatias.

A família enlutada e, especialmente, aos sobrinhos do finado, srs. António Gago dos Santos Silva e Idálio dos Santos Silva, «A Província» apresenta sentimentos pêsames. — (C.)

Aurora Boreal

Tal como em muitas terras do país e da Europa, também aqui foi presenciada por inúmeras pessoas uma Aurora Boreal. Para aqueles que conheciam este fenómeno celestial (proveniente de descargas eléctricas de alta atmosfera), não tiveram motivos para se preocuparem; outros houve, no entanto, que não sabendo do que se tratava, aventaram as mais disparatadas hipóteses. Desde a bomba atómica até a um ataque em massa dos Marcianos, foi previsto. Felizmente para nós, a primeira ideia está posta de parte e a segunda... por enquanto ainda pertence ao reino da ficção. Oxalá continue a ser ficção, pois já nos bastam os habitantes deste pobre planeta em que vivemos!... — (C.)

Beatriz Costa

(Continuação da última pag.)

dor que sabiamente dirigiu a encenação e a coreografia e, de uma maneira geral, orientou o espectáculo.

— ...E os autores de «O Rebolicho»?

— Toda a gente sabe: Amadeu do Vale, Aníbal Nazaré e Rui Martins, e os compositores maestros Jaime Mendes, Carlos Dias e Tavares Belo.

— Mais uma pergunta: quem confeccionou o luxuoso guarda-roupa da revista?

— Os figurinos eram de Pinto de Campos e o guarda-roupa do conhecido Paiva.

Certo jornalista fez, há 5 anos, esta pergunta a Beatriz Costa:

— «V. precisa de trabalhar?»

— «Precisar», no sentido material, não! Mas «precisar» porque sinto a necessidade de fazer algo, de lutar contra um marasmo inexplicável, de ter o prazer espiritual de uma iniciativa dessas — isso, sim!»

Na ante estreia de «O Rebolicho» Beatriz disse para a Imprensa:

— «Estou radiante por ir trabalhar ao lado de Salvador, de António Silva, da Teresinha, de Humberto Madeira, de Glória May, de Anita Guerreiro (que não conhecia e me parece um belo elemento), de Luís Horta e de tanta rapariga bonita! Em teatro nenhum me sentiria tão bem como junto desta excepcional equipa de autores, maestros, figurinistas, cenógrafos e, enfim, de todos os elementos da sua companhia».

Por sua vez, Leitão de Barros, escreveu na secção «Os Corvos», no «Diário de Notícias»:

«Não sei se leve o homem ao Maria Vitória. Não para ele pagar, mas para bebermos os dois à saúde e à glória desta rapariga (cuja audácia ferrou, um dia, o beijo nacionalista mais irreverente que eu conheço) e que — neste deserto onde não voam muitas águias de imaginação e de personalidade e onde até os pobres «corvos» andam a pé-coxinho e com uma asa cortada à tesoura —, representa, para mim, simbolicamente, o voo livre do espírito português através do Mundo, o genial universalismo da nossa melhor fibra popular, e a graça, o encanto e a sedução de uma bela flor de raça e de talento — verdadeira alma viajada desta «cidade das muitas e desvayradas gentes». Não há dúvida, grandíssima e admirável Beatriz, devemos, todos, pagar-te a suprema ginginha nacional! Os pastelinhos de bacalhau — que são de «alimento» — é que é com o Salvador. E os melões são contigo...»

Assim terminámos a ronda ao camarim da muito querida Beatriz Costa.

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Atravessaram-se arames para os gasómetros e balões, varreu-se o terrado, puseram-se bancos aos quatro lados e distribuíram-se as canastras.

E a grande noite chegou!

As moças vinham em grupos, vizinhas com vizinhas, amigas com amigas; pouco atrás, as mães e as tias segredadeiras, para a vigilância e para os mexericos.

Mais tarde, — parecia mal chegar aquando a elas — os moços de risota, na previsão dos episódios que, certamente, se dariam. Entre eles iam também três operários das obras, convidados por aqueles da aldeia que ali trabalhavam. Mostravam-se estranhos, deslocados; mas já namoricavam as moças e aproveitavam a oportunidade para se aproximar.

E a «cascada» começou.

A iluminação, na noite serena e calma, dava ao longe aspectos de pequeno arraial minhoto.

A animação da assistência acompanhava a marcha dos serviços; e era curioso de ver como os pares se formavam ao sabor das predilecções, — eles a misturarem-se com elas, por simples e meros acasos...

As maçarocas vinham dos montes para a frente das bancadas. Cada qual enchia o regaço, «cascavam-nas», lançavam as espigas nas canastras e as «camisas» nas secas.

No entanto, percebia-se nitidamente que pairava no ambiente qualquer

preocupação. Todos desejavam falar no «grande acontecimento»; mas ninguém se atrevia a ser o primeiro.

A comadre Felícia ia de grupo em grupo, dizia larachas aqui e acolá, vigiava e providenciava para que tudo corresse no melhor dos mundos.

A serigaitar, acabou por perceber também; que havia assunto de monta. — Que cara vocês têm esta noite! Cara de caso... Há alguma novidade? Falta-vos alguma coisa na «cascada»?

E então a Luisinha, — uma espevitada e zagucha que já trazia de olho o fiel dos materiais das obras —, explodiu:

— Na verdade, «comadrinha», não enxergo razão. Está tudo assim por causa da Ermelinda da *ti Tomasia*, — ora aí vai...

— Por causa da Ermelinda? Mas o que é isso? Não sei de nada. Vivo pràqui, neste ermo... Muitas vezes, quando as novidades cá chegam, já são mais que velhas!

— Pois não soube que a *ti Tomasia* a pôs pla porta fora à torsada, hoje à tardinha?

— Eu não... E porquê?

— Pois não sabe que a Ermelinda se «amigou» com o sr. Moraes, o encarregado das obras da fábrica?

— O quê? Que me dizeis! — e persignou-se largamente.

Foi o sinal.

A conversa generalizou-se e toda aquela gente, à colecção do caso, zargunhou na triste:

— Uma delambida! Que até sofre da «pisca»...

— Vaidosa! Não lhe serviam os rapazes da aldeia... Quería coisa mais alta, coisa de grimpá. Agora, toma lá.

— Um tolão que nem olhava direito pra nós, sempre de ventas torcidas e proa ao alto... Nem já aparecia nos *bailos*! Nem sei o que ela já se julgava...

« O REBOLIÇO »

NO TEATRO MARIA VITÓRIA

Reportagem de Luís Bonifácio

« O REBOLIÇO »

O actor-empresario Eugénio Salvador apresentou no Teatro Maria Vitória um espectáculo essencialmente popular: a revista «O Rebolicho», na qual reapareceu a querida actriz Beatriz Costa. Do elenco salientam-se António Silva, Teresa Gomes, Humberto Madeira, Anita Guerreiro, Luis Horta e a linda actriz brasileira Glória May — que detesta jogo de cartas... (depois contarei...). Eugénio Salvador trouxe ainda para o palco um grupo seleccionado de jovens e talentosas actrizes, composto por Nina Monteiro, Guida de Carlo, Carmem de Almeida e Lucinda Amaral.

O nosso redactor em Lisboa, fez uma noite destas uma «ronda» aos camarins dalguns dos elementos femininos que tão bem divertem o público. Seguem-se as entrevistas:

ANITA GUERREIRO

Uma revelação no Teatro de Revista

No mesmo corredor do camarim de Beatriz Costa, encontramos «tête-à-tête» a graciosa Anita Guerreiro que, no dizer de Beatriz, virá a ser um bellissimo elemento no teatro de revista.

Anita Guerreiro tem já uma boa «folha de serviços» prestados ao teatro. Assim: em 1955 entra na revista «O Zé Aperta o Laço»; depois na «Fonte Luminosa»,

«Festa é Festa», «Cidade Maravilhosa», e... «O Rebolicho», onde desempenhou os seguintes papéis: «Toca a música», «Tique-taque», «Marianito» (fantasia alentejana), «A barca... à barca», um dueto com Nina Monteiro, «Os beijos também cansam» — fado, «Fadista do samba», dueto com Glória May.

Além disso, tem colaborado nos programas da E. N., na «Hora de Fantasia», «Ouvindo as Estrelas», e... entrou no filme «Lisboa».

Anita Guerreiro vai falar aos leitores do jornal «A Província».

— É com muito prazer que lhe dou a entrevista para o seu jornal. Apesar de muito nova tenho já uma admiração especial por aqueles que trabalham para a grande e pequena imprensa.

— Diga-me: gostava de actuar na T. V. portuguesa?

— Se gostava! Mas o «nosso» Salvador não me dispensa. É possível que um dia eu possa ser televisonada.

— E contratos?

— Tive vários para fora do país: Brasil e África; mas... a oportunidade não era das melhores, pelo que recusei.

Anita Guerreiro tem personalidade e força de vontade para continuar a sua carreira teatral. Digamos também de passagem que tem tido bons ensaiadores e excelentes colegas. Parecendo que não, tudo influi na vida de uma actriz.

O público compreendeu-a e gosta dela como se verifica pelas enormes ovações todas as noites, naquele teatro do Parque Mayer.

O ambiente dos corredores e nos camarins é do melhor que há entre camaradas.

Neste momento passam António Silva, com «maquillage» perfeita, e logo a seguir Humberto Madeira,



Anita Guerreiro

com toga encarnada e chapéu de Oxford, que vão de corrida para o palco.

Anita Guerreiro despede-se da imprensa, com uma boa noite e um abraço para «A Província».

Beatriz Costa foi entrevistada

para «A Província»

Oito horas da noite.

O Parque Mayer está à cunha. Os teatros estão quase a abrir. No Maria Vitória, a revista «O Rebolicho», no Capitólio o «Homem até ao fim do Mundo». Cafés cheios, restaurantes repletos. As casas de jogo e «dancings» fazem do Parque Mayer um centro de distração cosmopolita.

Noite de frio. Tiritando, dirigi-

— Claro que me lembro e não a posso esquecer como camarada e como actriz cheia de recursos.

— Sabe? Estou muito «estafada». Farto-me de trabalhar — o que aliás faço com muito gosto, pois admiro imenso o público português — o meu público, os meus queridos espectadores e até... a «claque»... mas não diga isso no seu jornal.

— Que ideia D. Beatriz Costa... eu vim somente para a entrevistar e não para dizer coisas que em nada interessam os nossos leitores. Não é verdade?

— Então vamos à entrevista, pois dentro de muito pouco tempo que me ir vestir e caracterizar. Não tenho um minuto me. Farto-me de estudar, noite e dia, só para poder agradar ao «nosso» Salvador e ao público que, felizmente, todas as noites me aplaude. É este o melhor estimulante.

E, agora vamos à entrevista.

— Então vamos à entrevista, pois dentro de muito pouco tempo que me ir vestir e caracterizar. Não tenho um minuto me. Farto-me de estudar, noite e dia, só para poder agradar ao «nosso» Salvador e ao público que, felizmente, todas as noites me aplaude. É este o melhor estimulante.

E, agora vamos à entrevista.

envolvo num forte abraço de pura camaradagem: Teresa Gomes — a querida actriz que o público distingue; António Silva, o inconfundível actor, cheio de recursos; Humberto Madeira — um bom cómico e por último — os últimos são sempre os primeiros — Salva-

(Continua na página 7)

Maria Lemos

Maria Lemos continua a actuar na E. N. com o mesmo êxito de sempre, merecendo de excelente timbre e de uma perfeita dicção. Tem conseguido criar um estilo muito pessoal, que em muito valoriza os números que interpreta.

Insinuante, bastante alegre, Maria Lemos tem actuado em récitas e festas de gala, sempre com a mesma personalidade.

Tomou contacto com os microfones em Rádio Clube Português, actuando durante algumas épocas nas emissões recreativas de José de Oliveira Cosme, no teatro rádiográfico e em outras rubricas, com êxito crescente.

Após a sua estreia em 1941, com o trecho «Varinas», de Helena Moreira Viana, Maria Lemos começou a ter popularidade. Foi ao



Faial em Junho de 1945, onde alcançou sucesso.

Maria Lemos é uma das artistas que maior legião de admiradores conta, procurando sempre renovar ao máximo o reportório. A vontade que dedica ao estudo, nunca se furtando a ensaios, no aplaudível desejo de conseguir «mais e melhor», fez com que tenha conquistado os melhores elogios da crítica e simpatia dos rádio-ouvintes.

Por estas razões, é sempre agradável falar da inesquecível intérprete de «A Carta», uma das radiosas «estrelas» da E. N.

Antes da entrevista

Antes da entrevista, uma pequena pausa. Disseram há pouco que Beatriz Costa estava nos píncaros da Lua e não descia do seu pedestal para dar recepção aos «trabalhadores» da Grande Imprensa. Isso foi um lapso do jornalista (?) que, certamente, não compreendeu o estenuante trabalho de Beatriz

Costa, uma grande actriz, uma camarada, uma sincera amiga dos jornalistas. Beatriz trabalha muito e, todo o seu grande prazer, é o Teatro. Por isso tem de estudar os seus papéis e acho muito bom que... as coisas combinadas se podem cumprir... depois duma hora marcada.

A entrevista vai começar.

— Diga-me D. Beatriz Costa: como interpreta a sua popularidade?

— Não sei, de certeza, mas quase adivinho. É por que adoro o nosso público, por que trabalho com muito gosto para ele e para ele vivo de noite e dia. A recompensa... é sempre a casa «à cunha». Tenho uma estima especial pelos meus colegas e não quero deixar de lhe mencionar os nomes que



mo-nos para a «caixa» do! Maria Vitória com a tenção de entrevistarmos a conhecidíssima actriz Beatriz Costa para o jornal «A Província».

O porteiro teve a gentileza de nos fazer anunciar e poucodemoreu o seu regresso.

— Faça favor de subir. D. Beatriz Costa espera-o.

Subimos até ao primeiro piso e, logo à esquerda, a porta de um camarim aberta e a figura airoso da «saloia-carioca», amada pelos lusos desde que Beatriz é Beatriz, com ou sem franja...

— Olá, velho camarada! Há 10 minutos que esperava por si. Já tinha saudades suas, desde o dia em que a «sua» Embaixada a Sintra constituiu um êxito... Lembra-se de mim com as abóboras à cabeça na adega do «Chita»?

Uma revelação!

NINA MONTEIRO

nasceu em Montijo

— Sim senhor! Nasci em Montijo e adoro Montijo!

Foram as palavras de Nina Monteiro, para o redactor do jornal «A Província», em Lisboa.

Confesso que, para mim, foi uma revelação e creio que 99% dos montijenses desconheciam esta particularidade.

Pois Nina Monteiro obteve um êxito na revista «O Rebolicho».

Estivemos no seu camarim a conversar acerca da sua naturalidade, tendo me afirmado que Montijo é para ela uma terra encantadora.

Quando entrei no seu camarim encontrei o já conhecido manipulador da T. V. «Sir Black», a fazer das suas... Nina Monteiro ria às «bandeiras despregadas» e Glória May apenas comentava, com as mãos a tapar o rosto «cor de amendoim torradinho»: «Que horror! Não gosto de cartas. Detesto ver cartas... menos... cartas de amor!»

«Sir Black» faz aparecer e desaparecer dedais. A Anita, «vai chamando gente» para aquela representação no interior do teatro. Há sorrisos e gritos de satisfação e eu... «estou esperando» pelo momento para continuar a repor-

tagem no pequeno camarim de Nina Monteiro, que veste farda branca, cingido ao corpo, e... excessivamente curto... para entrar em cena.

